

**MEMÓRIAS PÓSTUMAS  
DE BRÁS CUBAS  
MACHADO DE ASSIS**



**CLÁSSICOS  
SARAIVA**



Prêmio internacional HOW Design Annual – 2010  
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é  
renomada revista americana de *design* gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers – 2008  
para o projeto gráfico da coleção pelo  
American Institute of Graphic Arts (AIGA)

# MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS MACHADO DE ASSIS



CLÁSSICOS  
SARAIVA

2ª edição



Editora  
Saraiva

Gerência editorial  
Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção  
Edições Jogo de Amarelinha

Editora-assistente  
Solange Mingorance

Projeto gráfico, capa e edição de arte  
Gustavo Piqueira

Ilustração de capa  
Carvall

Diagramação  
Rex Design

Cotejo de originais  
Thais Giammarco

Revisão  
Miriam de Carvalho Abões  
Carla Mello Moreira  
Viviane Teixeira Mendes

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*  
Rodrigo Petronio

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*  
Davi Fazollari

Impressão e Acabamento

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Assis, Machado de, 1839-1908.

Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis. – 2ª ed. – São Paulo : Saraiva, 2009. – (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades.

Suplementado por roteiro do professor.

ISBN 978-85-02-08219-9

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

CDD-869.93

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

12ª tiragem, 2018

CL: 810062  
CAE: 603380

© Editora Saraiva, 2008  
SARAIVA Educação S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061  
www.coletivoleitor.com.br  
atendimento@aticascipione.com.br  
Todos os direitos reservados.

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de literatura brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!



# SUMÁRIO

## MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

PRÓLOGO DA QUARTA EDIÇÃO	11
AO LEITOR	13
I. ÓBITO DO AUTOR	14
II. O EMPLASTO	15
III. GENEALOGIA	16
IV. A IDEIA FIXA	17
V. EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA	19
VI. <i>CHIMÈNE, QUI L'ÊÛT DIT? RODRIGUE, QUI L'ÊÛT CRU?</i>	19
VII. O DELÍRIO	22
VIII. RAZÃO CONTRA SANDICE	27
IX. TRANSIÇÃO	28
X. NAQUELE DIA	28
XI. O MENINO É PAI DO HOMEM	30
XII. UM EPISÓDIO DE 1814	32
XIII. UM SALTO	36
XIV. O PRIMEIRO BELJO	38
XV. MARCELA	39
XVI. UMA REFLEXÃO IMORAL	42
XVII. DO TRAPÉZIO E OUTRAS COISAS	43
XVIII. VISÃO DO CORREDOR	45
XIX. A BORDO	46
XX. BACHARELO-ME	49
XXI. O ALMOCREVE	50
XXII. VOLTA AO RIO	52
XXIII. TRISTE, MAS CURTO	53
XXIV. CURTO, MAS ALEGRE	54
XXV. NA TIJUCA	55
XXVI. O AUTOR HESITA	57

- XXVII. VIRGÍLIA? 59  
 XXVIII. CONTANTO QUE... 60  
 XXIX. A VISITA 61  
 XXX. A FLOR DA MOITA 61  
 XXXI. A BORBOLETA PRETA 63  
 XXXII. COXA DE NASCENÇA 64  
 XXXIII. BEM-AVENTURADOS OS QUE NÃO DESCEM 65  
 XXXIV. A UMA ALMA SENSÍVEL 66  
 XXXV. O CAMINHO DE DAMASCO 67  
 XXXVI. A PROPÓSITO DE BOTAS 68  
 XXXVII. ENFIM! 68  
 XXXVIII. A QUARTA EDIÇÃO 69  
 XXXIX. O VIZINHO 71  
 XL. NA SEGE 72  
 XLI. A ALUCINAÇÃO 73  
 XLII. QUE ESCAPOU A ARISTÓTELES 74  
 XLIII. MARQUESA, PORQUE EU SEREI MARQUÊS 74  
 XLIV. UM CUBAS! 75  
 XLV. NOTAS 76  
 XLVI. A HERANÇA 76  
 XLVII. O RECLUSO 78  
 XLVIII. UM PRIMO DE VIRGÍLIA 79  
 XLIX. A PONTA DO NARIZ 80  
 L. VIRGÍLIA CASADA 81  
 LI. É MINHA! 82  
 LII. O EMBRULHO MISTERIOSO 83  
 LIII. .... 85  
 LIV. A PÊNDELA 85  
 LV. O VELHO DIÁLOGO DE ADÃO E EVA 86  
 LVI. O MOMENTO OPORTUNO 87  
 LVII. DESTINO 88  
 LVIII. CONFIDÊNCIA 89  
 LIX. UM ENCONTRO 90  
 LX. O ABRAÇO 92  
 LXI. UM PROJETO 93  
 LXII. O TRAVESSEIRO 94  
 LXIII. FUJAMOS! 94  
 LXIV. A TRANSAÇÃO 97  
 LXV. OLHEIROS E ESCUTAS 98  
 LXVI. AS PERNAS 100  
 LXVII. A CASINHA 100  
 LXVIII. O VERGALHO 102  
 LXIX. UM GRÃO DE SANDICE 103  
 LXX. D. PLÁCIDA 103  
 LXXI. O SENÃO DO LIVRO 104  
 LXXII. O BIBLIÓMANO 105  
 LXXIII. O LUNCHEON 106  
 LXXIV. HISTÓRIA DE D. PLÁCIDA 106  
 LXXV. COMIGO 108  
 LXXVI. O ESTRUME 109  
 LXXVII. ENTREVISTA 109  
 LXXVIII. A PRESIDÊNCIA 110  
 LXXIX. COMPROMISSO 112  
 LXXX. DE SECRETÁRIO 112  
 LXXXI. A RECONCILIAÇÃO 113  
 LXXXII. QUESTÃO DE BOTÂNICA 115  
 LXXXIII. 13 116  
 LXXXIV. O CONFLITO 118  
 LXXXV. O CIMO DA MONTANHA 119  
 LXXXVI. O MISTÉRIO 120  
 LXXXVII. GEOLOGIA 120  
 LXXXVIII. O ENFERMO 121  
 LXXXIX. *IN EXTREMIS* 123  
 XC. O VELHO COLÓQUIO DE ADÃO E CAIM 124  
 XCI. UMA CARTA EXTRAORDINÁRIA 125  
 XCII. UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO 127  
 XCIII. O JANTAR 128  
 XCIV. A CAUSA SECRETA 129  
 XCV. FLORES DE ANTANHO 130  
 XCVI. A CARTA ANÔNIMA 130  
 XCVII. ENTRE A BOCA E A TESTA 131  
 XCVIII. SUPRIMIDO 132  
 XCIX. NA PLATEIA 133  
 C. O CASO PROVÁVEL 134  
 CI. A REVOLUÇÃO DÁLMATA 135  
 CII. DE REPOUSO 135  
 CIII. DISTRAÇÃO 136  
 CIV. ERA ELE! 138  
 CV. EQUIVALÊNCIA DAS JANELAS 139  
 CVI. JOGO PERIGOSO 139  
 CVII. BILHETE 140  
 CVIII. QUE SE NÃO ENTENDE 140  
 CIX. O FILÓSOFO 141  
 CX. 31 142  
 CXI. O MURO 143  
 CXII. A OPINIÃO 144  
 CXIII. A SOLDA 145  
 CXIV. FIM DE UM DIÁLOGO 145  
 CXV. O ALMOÇO 146  
 CXVI. FILOSOFIA DAS FOLHAS VELHAS 147  
 CXVII. O HUMANITISMO 148  
 CXVIII. A TERCEIRA FORÇA 151  
 CXIX. PARÊNTESES 151  
 CXX. *COMPELLE INTRARE* 152  
 CXXI. MORRO ABAIXO 152  
 CXXII. UMA INTENÇÃO MUI FINA 154  
 CXXIII. O VERDADEIRO COTRIM 154  
 CXXIV. VÁ DE INTERMÉDIO 156



CXXV. EPITÁFIO	156
CXXVI. DESCONSOLAÇÃO	156
CXXVII. FORMALIDADE	157
CXXVIII. NA CÂMARA	158
CXXIX. SEM REMORSOS	159
CXXX. PARA INTERCALAR NO CAP. CXXIX	159
CXXXI. DE UMA CALÚNIA	160
CXXXII. QUE NÃO É SÉRIO	161
CXXXIII. O PRINCÍPIO DE HELVETIUS	161
CXXXIV. CINQUENTA ANOS	162
CXXXV. <i>OBLIVION</i>	163
CXXXVI. INUTILIDADE	163
CXXXVII. A BARRETINA	164
CXXXVIII. A UM CRÍTICO	166
CXXXIX. DE COMO NÃO FUI MINISTRO D'ESTADO	166
CXL. QUE EXPLICA O ANTERIOR	166
CXLI. OS CÃES	167
CXLII. O PEDIDO SECRETO	168
CXLIII. NÃO VOU	170
CXLIV. UTILIDADE RELATIVA	170
CXLV. SIMPLES REPETIÇÃO	171
CXLVI. O PROGRAMA	171
CXLVII. O DESATINO	172
CXLVIII. O PROBLEMA INSOLÚVEL	173
CXLIX. TEORIA DO BENEFÍCIO	174
CL. ROTAÇÃO E TRANSLAÇÃO	175
CLI. FILOSOFIA DOS EPITÁFIOS	176
CLII. A MOEDA DE VESPASIANO	177
CLIII. O ALIENISTA	177
CLIV. OS NAVIOS DO PIREU	178
CLV. REFLEXÃO CORDIAL	179
CLVI. ORGULHO DA SERVILIDADE	179
CLVII. FASE BRILHANTE	180
CLVIII. DOIS ENCONTROS	181
CLIX. A SEMIDEMÊNCIA	181
CLX. DAS NEGATIVAS	182
DÍARIOS DE UM CLÁSSICO	185
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	219
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	229



## PRÓLOGO DA QUARTA EDIÇÃO

*A primeira edição destas Memórias póstumas de Brás Cubas foi feita aos pedaços na Revista Brasileira, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a quarta edição, emendei ainda alguma coisa e suprimi duas ou três dúzias de linhas. Assim composto, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público.*

*Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As Memórias póstumas de Brás Cubas são um romance?” Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as Viagens na minha terra. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como leitor viu e verá no prólogo que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”. Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.*

*O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.*

MACHADO DE ASSIS



# DEDICATÓRIA

AO VERME  
QUE  
PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES  
DO MEU CADÁVER  
DEDICO  
COM SAUDOSA LEMBRANÇA  
ESTAS  
  
MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros<sup>1</sup> para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne<sup>2</sup>, ou de um Xavier de Maistre<sup>3</sup>, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

---

<sup>1</sup> O livro a que o narrador se refere é *Do amor*, do escritor francês Stendhal, que acreditava possuir apenas cerca de cem leitores.

<sup>2</sup> Laurence Sterne, escritor irlandês que se destacou por seu estilo digressivo, irônico e bem-humorado.

<sup>3</sup> Xavier de Maistre, escritor francês com estilo irônico e humorístico.

# I. ÓBITO DO AUTOR

Alguns tempos hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor-defunto, mas um defunto-autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco<sup>4</sup>.

14 Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólicas que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country*<sup>5</sup> de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras: minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha – um lírio do vale – e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se

<sup>4</sup> Conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, cujo autor é, supostamente, Moisés. Os últimos capítulos do quinto livro, o Deuteronômio, anunciam a morte de Moisés.

<sup>5</sup> Do inglês, a “terra desconhecida”, ou seja, a morte, citada por Hamlet na peça homônima de William Shakespeare.

carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteiro que expira aos sessenta e quatro anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E, dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

“Morto! Morto!”, dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas<sup>6</sup>, sem embargo das ruínas e dos tempos, a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correio<sup>7</sup>. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

## II. O EMPLASTO

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim<sup>8</sup> que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto,

<sup>6</sup> Ilisso: rio da Grécia. O escritor francês Auguste Chateaubriand, em sua obra *Itinerário de Paris a Jerusalém*, afirma ter visto bandos de cegonhas partindo do Ilisso rumo à África.

<sup>7</sup> Correio: loja que trabalha com couro e produtos têxteis.

<sup>8</sup> Cabriola é um tipo de salto ágil no qual o dançarino bate com os calcanhares um no outro, no ar. Volatim é o mesmo que *burlantim*, equilibrista de corda bamba.

estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te<sup>9</sup>.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinhas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, consequentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

### III. GENEALOGIA

Mas, já que falei nos meus dois tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico.

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente

<sup>9</sup> Frase utilizada pela Esfinge, monstro da mitologia grega com corpo de leão alado e cabeça de mulher, para propor enigmas às pessoas que por ela passavam, devorando as que não conseguiam decifrá-los.



começa a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou –, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha.

Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*<sup>10</sup>. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, que fundou a Vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas.

Vivem ainda alguns membros de minha família: minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio do vale, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplasto.

17

## IV. A IDEIA FIXA

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a História uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório – ou “uma abóbora”, como lhe chamou Sêneca –, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dois céсарes, o delicioso, o verdadeiro delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca<sup>11</sup>. E tu,

<sup>10</sup> Do francês, “trocadilho” ou “jogo de palavras”.

<sup>11</sup> De acordo com o historiador romano Suetônio, Cláudio era considerado incapaz de governar, tendo se tornado imperador “por acaso”, enquanto Tito era cheio de talento e magnanimidade e, por isso, muito amado. O filósofo e poeta romano Sêneca foi exilado a mando da imperatriz Messalina, esposa de Cláudio. Como vingança, escreveu a obra intitulada *Apokolokyntosis*, que em grego significa *transformação em abóbora*, sátira que tem como tema o imperador Cláudio.

Madama Lucrecia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade<sup>12</sup>, e, se não viesse a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a História, a volúvel História que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doidos; a ideia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios – formula Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a Lua, talvez as pirâmides do Egipto, talvez a finada dieta germânica<sup>13</sup>. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrentado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

18 Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a História com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina<sup>14</sup>, nenhum escreveu a confissão de Augsburg<sup>15</sup>; pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell<sup>16</sup>, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o Parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.

---

<sup>12</sup> Lucrecia Bórgia teria sido instrumento de seu pai, o papa Alexandre VI, e de seu irmão, César, para a prática de vários crimes. O escritor francês Victor Hugo comparou-a à imperatriz Messalina, conhecida por seu comportamento devasso. O historiador e poeta alemão Ferdinand Gregorovius, por sua vez, desmentiu, em uma biografia, muitas dessas acusações contra a flor dos Bórgia.

<sup>13</sup> Assembleia política e legislativa do Sacro Império Romano-Germânico que, a partir de 1663, tornou-se fixa na cidade alemã de Regensburg.

<sup>14</sup> Batalha de Salamina: combate naval dos atenienses contra os persas, estes comandados por Xerxes, em 480 a.C. Tornou-se famosa pela vitória avassaladora dos atenienses.

<sup>15</sup> Confissão de Augsburg: texto doutrinário aprovado por Lutero e apresentado na Dieta de Augsburg, em 1503.

<sup>16</sup> Oliver Cromwell, líder militar puritano na revolta do Parlamento inglês contra o rei Carlos I. Dissolveu o Parlamento após a execução do rei, em 1649, nomeou-se Lorde Protetor da Inglaterra e governou com poderes absolutos até sua morte.

## V. EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA

Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre marcróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de coligir os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens.

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação à semelhança das cegonhas do Ilisso... Tinha então cinquenta e quatro anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a assomar à porta da alcova...

## VI. CHIMÈNE, QUI L'ÊÛT DIT? RODRIGUE, QUI L'ÊÛT CRU?<sup>17</sup>

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da

<sup>17</sup> Do francês, "Ximena, quem o teria dito? Rodrigo, quem o teria acreditado?". Trecho da peça *El Cid*, do dramaturgo francês Pierre Corneille, que trata de um desencontro amoroso.

cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que nos não víamos e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias<sup>18</sup> misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa<sup>19</sup> igualaria ali a simples saudade.

Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim<sup>20</sup>. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras, porque entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília – chamava-se Virgília – entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas, enfim, saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se com alguns fios de prata.

– Anda visitando os defuntos? – disse-lhe eu.

– Ora, defuntos! – respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples

<sup>18</sup> De acordo com a Bíblia, Ezequias, rei de Judá, pede a Deus que adie sua morte e este lhe atende, fazendo com que o sol recue, concedendo-lhe, assim, mais quinze anos de vida.

<sup>19</sup> Ninfa da mitologia romana transformada em fonte por Júpiter. Suas águas rejuvenescem aqueles que se banham nelas.

<sup>20</sup> Segundo a Bíblia, Caim matou seu irmão Abel por inveja. A expressão “baba de Caim” significa inveja.

enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.

– Que ideias essas! – interrompeu-me Virgília um tanto zangada. – Olhe que não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

– Jesus! São três horas. Vou-me embora.

– Já?

– Já; virei amanhã ou depois.

– Não sei se faz bem – retorqui –; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

– Sua mana?

– Há de vir cá passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

– Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô.

Nhonhô era um bacharel, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dois dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-me e disse ao filho:

– Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

Sorriu o filho, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura galhofa. Virgília estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras. Como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdém e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga. O filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon<sup>21</sup> tivesse nascido gavião...

Era o meu delírio que começava.

---

<sup>21</sup> Conde de Buffon, biólogo e naturalista francês que escreveu tratados de história natural, dando especial atenção ao estudo das aves.

## VII. O DELÍRIO

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Suma Teológica* de São Tomás<sup>22</sup> impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

22 Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

– Engana-se – replicou o animal –, nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando-lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles<sup>23</sup> ou da asna de Balaão<sup>24</sup>, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade por saber onde ficava a origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos: reflexões de cérebro enfermo. Como ia de

---

<sup>22</sup> Filósofo da Igreja cujas ideias principais estão resumidas na obra citada. A imobilidade associa-se ao fato de a lógica de São Tomás não permitir desvios de pensamento e ao provável fato de a encadernação de sua obra ser rija e pesada.

<sup>23</sup> Xanto, cavalo que previu a morte do herói.

<sup>24</sup> Essa personagem recebe o poder da fala quando seu dono vai amaldiçoar os israelitas e o condena por sua violência.

olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

– Onde estamos?

– Já passamos o Éden.

– Bem; paremos na tenda de Abraão<sup>25</sup>.

– Mas se nós caminhamos para trás! – redarguiu motejando a minha cavalgada.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois – cogitações de enfermo – dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como eles. Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera-se que a vida das coisas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? Destacou-se da terra? Não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

– Chama-me Natureza ou Pandora<sup>26</sup>; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno

<sup>25</sup> Patriarca dos povos israelita e árabe que viveu entre os séculos XX e XVIII a.C.

<sup>26</sup> Segundo a mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher criada por Zeus. Recebeu dele uma caixa que deveria manter fechada, pois continha todos os males da humanidade. Por insistência do marido, no entanto, abriu-a, e todo o seu conteúdo irrompeu para fora. No seu fundo restou apenas a esperança, como uma última forma de redimir os males.